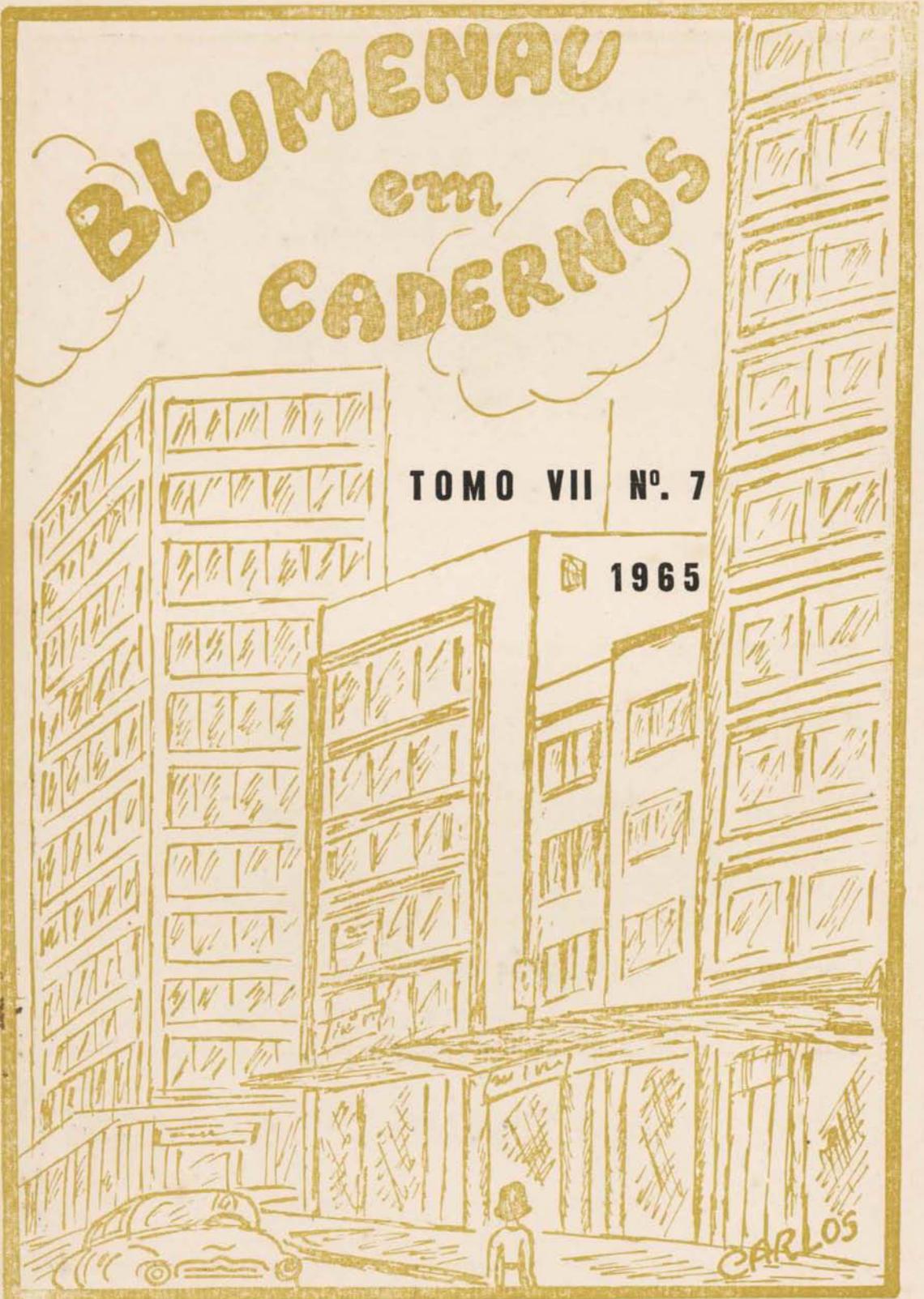


BLUMENAU em CADERNOS

TOMO VII Nº. 7

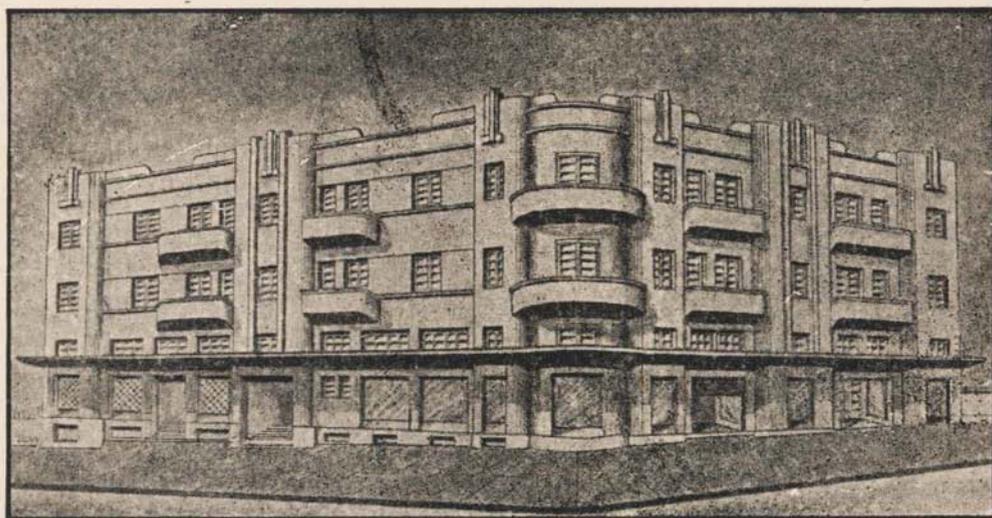
1965



COMPANHIA
CATARINENSE
DE
SEGUROS  **GERAIS**

RUA MARECHAL FLORIANO PEIXOTO, 18 1.º ANDAR
CAIXA POSTAL, 184 — TELEGRAMAS: «*MUTUA*»

BLUMENAU — SANTA CATARINA



A mais antiga Seguradora Catarinense

— FUNDADA EM 1938 —

BLUMENAU

em CADERNOS

TOMO VII



N.º 7

O PIONEIRO

Celso LIBERATO

A rigor, a navegação no rio Itajaí Açu só entrou em sua fase a vapor, com a vinda do «PROGRESSO», que inaugurou o sistema de linha regular.

Foi, depois, peça pioneira no transporte de cargas e passageiros entre Itajaí e Blumenau.

Era o «PROGRESSO» um vaporzinho pequeno, de escassa tonelagem, provido de caixas de rodas.

Com Gustavo Hacklaender na roda do leme e meu tio Alfredo do Canto na casa de máquinas, e os mais tripulantes em seu postos, fêz roça nestas rotas de rio.

No perímetro navegável, não houve pôrto nem acostado de barranco onde não atracasse para apanhar passageiros, descarregar trigo, sal, cimento, querosene e outros artigos, ou embarcar uma partida de açúcar de cana caiana, produto chave da economia regional, de dourados torrões, que secavam nos encerados, á beira da estrada, no Gaspar e na Ilhota.

Nas cheias e marés altas, irrompia por braços de rio e ensombrados ribeirões.

E quando o rio, em crise de sêca, com as pedras á mostra, barrava a passagem de outros barcos no raso do Belchior, o «PROGRESSO», valendo-se de sua estreiteza de bôca e pequeno calado, enfiava pelo “canal” e surgia em Blumenau, de casco pintado de novo, a estridular os apitos na volta de Ponta Aguda.

Além do trivial da navegação, o «PROGRESSO» entrou na cêna de magnos acontecimentos.

Quinze de agosto de 1884. Encostado ao pôrto de Blumenau, o «PROGRESSO» silva o terceiro e último apito, com que avisa a partida. Pouco depois, desatadas as amarras, afasta-se lentamente para o meio do rio, onde aprôa no rumo de Itajaí.

Léva a seu bordo um passageiro histórico, que os tripulantes cercam de atenções. É o líder colonizador Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau. Já velho e cansado, regressa o grande lutador definitivamente á sua Pátria, a loura e distante Alemanha, certamente levando entre os seus cuidados e preocupações, a segura esperança, ou mesmo quem sabe, a firme convicção, de que a pequena colméia de colonos que fundara e dirigira, á margem direita do Itajaí-Açu, iria, no futuro, projetar-se, vigorosamente, em fêrmos de trabalho e civilização, no complexo econômico, político e social da vida brasileira.

Quinze de dezembro de 1884. Dia de festa para Blumenau. As ruas estão engalanadas de palmeiras e bandeirolas. Espera-se Sua Alteza Imperial o Conde D'Eu, em visita oficial. Comprimido na área do pôrto, o pôvo aguarda o grande momento da chegada. Súbito, o «PROGRESSO» apita na curva do Capim-Volta. Começa o foguetório. A bandinha, rompe um dobrado. Sóbem a bordo as autoridades, para os cumprimentos protocolares. E momentos após, sob intensas aclamações, pisa o real visitante, o solo blumenauense.

E o pobre e glorioso «PROGRESSO», terminada a principesca viagem, ficava como sempre, amarrado no pôrto já deserto, com duas lanternas de frouxas luzes vermelhas, penduradas nos mastros, a espêra da manhã seguinte, para recomêçar o batente do rio.

Mas não parou aí, a ação social do «PROGRESSO». Em várias oportunidades transportou Presidentes de Província, líderes políticos e outras altas personalidades. E no domínio da arte, trouxe para Blumenau companhias de teatro, bandas de músicas, orquestras e corais.

Não foi o «PROGRESSO» nenhum “palheta” do rio, nem tinha carta de corredor. Não era vapôr de briga. Era da turma do “deixa disso”. Não tinha pressa. Acreditava bíblicamente que os últimos serão os primeiros. Sua divisa era o “piano, piano, si va lontano”. Ou o “devagar e sempre”.

Comtudo, nunca ficou pelo caminho. Enfrentou correntezas brabas, e muita cheia de rio, e muita água do monte e muitas tranqueiras e ilhas de aguapê pela prôa, para trazer seus carregamentos, do pôrto de Itajaí ao cáis de Blumenau.

Sem correrias nem atropelos, construiu sua obra de bandeirante, o pé de boi, o vai ou racha, o missão cumprida.

Quando Alfredo do Canto completou 25 anos de maquinista do «PROGRESSO», foi a data festivamente comemorada pela emprêsa armadora, Companhia Fluvial de Navegação a Vapôr Itajaí-Blumenau, que no edifício de sua sede, em Blumenau, enfeitado de bandeiras, flôres e palmas, ofertou ao seu velho servidor, um belo relógio de ouro, com corrente e inscrição. Houve música e foguetes. E, se não escorrego num equívoco, a homenagem esticou pela noite. No Frohsinn. Ou no “Schützenhaus”.

Na diluviana enchente de 1880, o «PROGRESSO» navegou pelos trechos centrais de Blumenau, a raspar telhados e copas de árvores, na piedosa missão de socorrer os flagelados, que levava para as colinas, a salvo das águas.

Só por isso, merecia uma estátua.

Depois de mais de meio século de peregrinação fluvial, (bem podia dizer-se peregrinação cívica) de um eterno subir e descer de rio, já desgastado pelo uso e impossibilitado de navegar com a fôrça de suas máquinas, o «PROGRESSO» afinal entregou os pontos. Entregou os pontos é o modo de dizer, pois o vaporzinho tinha fôlego de gato. Fizeram-lhe uma capina em regra. Tiraram-lhe a caldeira e as máquinas, despiram-no de todos os petrechos náuticos, rodiziram-no a simples pontão, chata ou lancha para transbordo e transporte de cargas. E êle, que cansou de rebocar, passou a ser rebocado.

Mas, mesmo assim, de casco limpo, na pura carcassa de ferro, continuou por muitos anos, na sua nova e humile condição, a servir o comércio, a indústria e a lovoura, até o amargo fim.

Acabou-se a navegação comercial no Itajaí-Açu, entre as cidades de Blumenau e Itajaí.

Hoje, o forte é a via asfaltada. É a estrada de ferro. O rio é um deserto líquido. Nem a fumaça de um vapôr. Nem a vela de um navio. Bananeira que já deu cacho.

Os dias não voltam atrás, tão certo como naquela velha canção em que "a madrugada que passou não volta mais".

O «PROGRESSO» também acabou-se. Tudo se acaba. Poucos terão na lembrança o valente pioneiro. Mas não se apagará do registro da História. E sua esguia silhueta viverá "in-perpetuum". No espelho do rio. Nos trechos de mata. No instantâneo das paisagens.

Na riqueza e no progresso do Vale.



O Vapôr «PROGRESSO», todo enbandeirado e enfeitado de palmitos, completa 25 anos de serviços efetivos na linha Itajaí-Blumenau. Na ocasião foi alvo de grandes manifestações de regosijo, tocando a Banda de Música Werner. Foi recebido no pôrto pelas autoridades e convidados, aos quais foi servida uma cervejada. (9 de dezembro de 1904)

LEMBRANZA

(ACRÓSTICO)

Un recuerdo de mi visita a esta
simpatía Ciudad:

Laboratório de Trabajo y firmes
realidades. EL AUTOR.

*De sorpresa al subir tantas laderas
Registramos a los ojos ancho río*

*Hechicero de pacíficas riberas
En forma de serpiente y cual un bio
Recostada a sus playas los arbustos
Magestuosa se levanta Blumenau
Altiua, bulliciosa, bien robusta
Nutrida por sus hijos en su «Condado»
Nació como colonia y fué creciendo*

*Basada en su Moral cual Blumenau
Recio hombre: su Fundador, la fue vistiendo,
Uniformada de Trabajo para el Estado
Nació un 2 de Setiembre del Cincuenta
Ochocientos cincuenta e otro siglo*

*Otro siglo: el pasado y que hoi se cuenta
Tener años: los Cien: UN CENTENARIO!
Tiene glorias enormes, conquistadas
Obtenidas com constancia y con trabajo*

*Barriendo los zorzales y ramadas
Levantando su nombre em el Estado
Union de SANGRES: GERMANA-BRASILEIRA
Meció su cuna la sublime estrella y
En en el himno, su Escudo y su Bandera
Nació la Patria!! - LA MAS LINDA Y BELLA!!
Asi es la tierra que OTTO BRUNO diera
Una tierra de HONOR y de TRABAJO!*

Dr. Enrique A. MOSQUERA
Conferecista y Periodista
(Ecuatoriano)

(O presente acróstico nos foi, gentilmente, cedido pela exma.
Senhora Ingo Hering a quem o autor dos versos o dirigira).

INTERCÂMBIO CULTURAL

Henrique P. ZIMMERMANN

Em suas obras «Casa Grande e Senzala», «Sobrados e Mocambos» «O Mundo que o português criou», e outros estudos, o eminente sociólogo Gilberto Freyre descreveu magistralmente o sistema econômico português empregado no Brasil e as suas consequências sociológicas e morais na evolução nacional. Na Casa Grande reinava o regime patriarcal. A posição do Senhor de Engenho equivalia à de um nobre feudal em Portugal. O escravo trabalhava a terra e produzia o necessário para a manutenção da família do fazendeiro e de seus empregados. Só o grande proprietário senhor de engenho e de numerosos escravos e de dependentes arrendatários possuía influência política e exercia o mando absoluto em seus domínios. Havia portanto uma minoria de homens brancos, de grande influência política e de poder econômico. No Sul a situação não era outra. No Rio Grande do Sul a economia baseava-se na criação de gado, cuja prática exigia grandes extensões de terra, porém, menor número de escravos. Em tudo mais, a estrutura social era idêntica à das zonas onde se situavam os Senhores de Engenho.

Na sociedade colonial brasileira naquela época estava ausente a classe média, o pequeno proprietário, o colono livre, a classe que produz riquezas através do seu próprio trabalho. Além de Gilberto Freyre, foram Oliveira Viana, Sergio Buarque de Hollanda e, ultimamente Limeira Tejo os historiadores e sociólogos que se ocupam com esta faceta da estrutura social brasileira e que apontam os motivos da ausência de uma classe média na era colonial brasileira.

Uma sociedade assim constituída, não podia ser base sólida para a estrutura de uma nação. Por isso, após a proclamação da independência do Brasil, a preocupação primordial dos novos dirigentes políticos, foi a de criar no país uma classe média, economicamente independente, à semelhança da que existia na Europa e nos Estados Unidos da América. Este pensamento foi decididamente apoiado pela Imperatriz Dna. Leopoldina, que empenhou-se no sentido de atrair para o Brasil, correntes imigratórias da Europa.

Assim vieram em 1824, os primeiros imigrantes alemães atendendo a um convite do Governo Imperial. Vieram com o propósito de aqui estabelecer-se definitivamente, como proprietários independentes, e assim construir para si mesmos uma nova existência e para os seus filhos uma nova pátria. O primeiro núcleo colonial povoado com imigrantes alemães foi sediado nas margens do Rio dos Sinos, constituindo a colônia São Leopoldo. Durante 50 anos não cessou o fluxo de imigrantes alemães para o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Foi este o advento de uma nova estruturação social no Brasil, da formação de uma classe média rural com sólida base econômica. Foi, também, o advento do desenvolvimento progressivo da economia brasileira, através do aumento da produção, do desenvolvimento das atividades comerciais e industriais. Foi finalmente, o início de uma nova era social-cultural.

Muito tempo decorreu, até que a nova classe média surgida do

meio dos imigrantes, alcançasse o seu enquadramento na vida política e social da nação. Conseguiram-no finalmente, depois de longo período de isolamento, de uma quase segregação, uma vez que a velha camada social via nêles uma espécie de elementos inferiores, aos quais não se devia permitir imiscuir-se na vida política e social da nação.

Se era esta a opinião de certos círculos da velha guarda política, muitos homens de larga visão manifestavam a sua opinião favorável ao inteiro reconhecimento da nova classe social na vida pública brasileira e a sua utilidade para o progresso do país. O tempo viria provar, que foram exatamente os núcleos coloniais povoados com imigrantes, que possibilitaram a formação da classe média rural e urbana no Brasil. Foi Limeira Tejo, em princípio um adversário dos núcleos coloniais fechados, que escreveu estas considerações: «Se o combate ao estabelecimento de núcleos coloniais fechados é desejável sob o ponto de vista político, êle acabará capitulando se encarmos o problema sob o ponto de vista social e econômico».

Foi, pois, com a vinda dos imigrantes, que surgiu uma nova classe social brasileira: a classe média.

Genealogia dos FEY em Santa Catarina

O tronco então conhecido, era um FEY, oficial do exército francês, que era casado com uma ALEMÃ. Êste casal fixou residência em Bad Kreuznach no antigo Distrito Governamental (Regierungsbezirk) Koblenz, Alemanha, onde também nasceram seus filhos Jacob e Catarina. Mais tarde êles mudaram-se para Idar-Oderstein, cidades das indústrias de lapidação de pedras preciosas (diamantes etc.) e artífices de ouro. Jacob trabalhou aí como oficial desta arte. Foi também alí onde Jacob casou-se com Julia Heller.

Como muitos alemães naquele tempo, também Jacob e Julia, juntos com Catarina e seu marido um Heckmann e mais os pais da Julia, o velho casal Heller, resolveram emigrar para o Brasil, isso em 1861. Nesta longa viagem nasceu de Jacob e Julia, seu filho, que em Florianópolis foi batizado com o nome também de Jacob, neste caso Jacob Fey jun. Êste filho nasceu já em águas brasileiras, mas ainda num navio alemão (veleiro). Entrou assim no Brasil como estrangeiro (alemão), tornando-se porém um bom cidadão do Brasil.

Aqui em Blumenau moraram êles primeiramente no Garcia, onde num ataque dos Bugres, saiu ferida por flechas - felizmente não mortal - a velha mãe Heller, sogra de Jacob Fey sen. Mais tarde os Fey foram morar no atual Município de Indaial.

JACOB FEY, casado com Berta Horstmann, filha de Peter Horstmann e Anna Horstmann nata Goode.

Filhos:- August Theodor Julius Fey, casado em primeiro matrimônio com Elza Bela Schirach de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul. Filha deste matrimônio: Richis Edy, casada com Douglas Alberto Dreher. Filhos: Elsa, Anna e Ruffo Alberto morando em Quito-Ecuador.

August Theodor Julius Fey, casado em segundo matrimônio com Emma Probst, filha de Wilhelm Probst e Rosa Müller (da família Dr. Fritz: e August Müller). Dêste matrimônio nasceram os filhos: Aleit, casada com Almiro Schoening. Filhos deste matrimônio: Cynthia e Ivens.

Waltrud, casada com Herbert Schlossmacher. Filhos deste casal Magaly e Renate.

Harro Horst: casado com Dulce Irma Schindler.

Guenther Gert: Casado com Martelayne Willrich. Filha destes: Debora, Ingo, Arno Arthur, Ivo.

Jacob Fey sen: Outros filhos: Heinrich, casado com Bertha Saide: 14 filhos. August, casado com Anna Arnold: 5 filhos. Karolina, casada com August Leber: 2 filhos.

- - - Irmão gêmeo de Jabob

- - - Irmã cujo nome não se recorda.

Peter e Anna Horstmann: Nascidos em Menzendorf-Mecklenburg, Alemanha. Filhos: Maria, Rudolf, Heinrich, Ida, Bertha, Oscar, Gustav, Emma, Klemens e Hulda.

A data da imigração no Brasil de Peter e Anna Horstmann, foi em 1861. Lugares onde moraram foram os mesmos de Jacob Fey, mulher e filhos. Outros filhos de Jacob Fey jun.: - Emma, casada com Richard Jark; Clara com Carl Bohmann; Alwin com Roeschen Froehner; Karolina com Franz Kreutzfeld, Hugo com Maria Mohr; Amanda com Wilhelm Lindner; Hartwig com Ivone Bochart; Walter com Hedwig Schinke.

— BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) Cr.\$ 1.000 —

Redação e Administração: Alameda Duque de Caxias, 64

Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil

LAMENTÁVEL OMISSÃO

Por um descuido da nossa parte, o trabalho publicado na anterior edição desta revista, relativo aos primeiros capítulos da História de Joinville, saíu sem a indicação do nome do seu ilustre autor, dr. Carlos Ficker.

Solicitando excusas a êsse nosso distinto colaborador, aqui registramos a omissão que muito nos contrariou.

OS «VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA» DE BRUSQUE NA GUERRA DO PARAGUAY

Ayres GEVAERD

(Da Soc. dos Amigos de Brusque)

No dia 14 de outubro de 1865, há 100 anos, em uma lancha e duas canoas, partiram da então colônia Itajaí-Brusque, rumo à Capital da Província, 25 voluntários que atenderam à convocação da Lei N.º 3 371 de 7 de janeiro desse mesmo ano, do Governo Imperial. Contando apenas 5 anos, Brusque ofereceu êsse apreciável número de voluntários graças às atividades empreendidas por Maximiliano de Schnéeburg junto aos colonos germânicos, que sabia em condições necessárias e qualidades para defenderem sua nova Pátria. O alistamento foi rápido, aproximadamente 15 dias, pois o diretor recebera, nos primeiros dias de outubro, officio do presidente da Província, autorizando-o abrir o voluntariado. Houve uma série de pequenos incidentes relacionados com a convocação, provocados pelo agrimenssor Frederico Heeren e Guido de Sekendorf, ex secretário da Colônia ambos pretendendo disputar com o Barão a autoridade e primasia do Voluntariado. Schnéeburg, entretanto, contornou diplomáticamente a situação, mantendo a dignidade de seu cargo e da missão orientadora do alistamento. Realizaram-se algumas reuniões preparatórias e de esclarecimento, especialmente com relação aos benefícios que teriam os conscritos e suas famílias. O governo concedia um abôno de 300\$000 a cada voluntário engajado e o Barão entendeu-se com o Presidente da Província pedindo para que cada um recebesse, antes da partida, a metade daquela importância. Outras quotas seriam concedidas mensalmente destinadas às famílias e descontadas de seus sôldos. Cada voluntário ao partir recebeu uma ajuda de 15\$000. Ultimadas as providências em reunião realizada numa taberna da sede, seguiram os voluntários sábado, 14 de outubro. O percurso deu-se normalmente até a Barra do Rio onde marcharam até a sede da vila de Itajaí embarcando dias mais tarde rumo a Destêrro. Schnéeburg acompanhou os seus voluntários, confiando os então a Guido de Sekendorf já no pôsto de tenente. Eis a relação:

Guido de Sekendorf, tenente. Augusto Peters, cabo. Roberto Schmidt. Ricardo Vollrath, Frederico Moritz, Germando Glokenkemper, Valentin Schaefer, Simão Habitzreuter, Eduardo Becker, Eduardo Bachmann, José Schoren, Guilherme José Oelhafen, João Schwanberger, Antonio Dinkelberg, Emilio Puhlmann, Vicente J. Barth. João José Hermos, José Schlindwein, Augusto Jansen, João Zabel, Cosmo Vogel, Francisco A. Day, Guilherme Oestrenger e um brasileiro cujo nome não consta da relação. Quando foram recolhidos os documentos que se encontravam em Florianópolis no Departamento de Terras e Colonização, julguei ter sido Raymundo Rodrigues, de côr preta, o brasileiro cujo nome não se acha registrado. Dêle adquiri uma espada de cavalariano atualmente figurando no Museu de Azambuja. Entretanto, há pouco tempo, deparei com um exemplar do jornal «Brusquer Zeitugg» de 1912 informando que naquele ano viviam em Brusque, Francisco A. Day e José Galiza, veteranos da Guerra do Paraguai. Consultei pessoas idosas, contemporâneas dos dois velhos soldados, as quais

confirmaram a nota do jornal inclusive que José Galiza era brasileiro. Até serem encontrados outros elementos, perdura a dúvida quanto á identidade do voluntário brasileiro. Os nomes dos voluntários citados constam da relação que inclui outros, das Colônias Dona Francisca, Blumenau, Therezópolis e Pedro de Alcântara, lista assinada por Victor de Gilsa, Emilio Odebrecht-tenente e Guido de Sekendorf - tenente.

Mais tarde Eugenio Rieger, um dos primeiros que se apresentou ao Barão recebeu autorização para reunir novos voluntários. Conseguiu sete que com ele seguiram dia 8 de fevereiro de 1866: Bernardo Josiger, Detlet Sacht, Antonio Boos, Henrique Sacht, Germano Boos, Henrique Dorenkot e Antonio Straub. Além de Rieger, Guido de Sekendorf e Alexandre Rufener, médico na Colônia, foram os primeiros que se apresentaram, tendo Schnéeburg, em carta ao Presidente da Província, os recomendado ao officialato. Rufener, entretanto, não seguiu, retirando mais tarde sua inscrição.

São poucas as notícias que temos com relação ao destino que tiveram os nossos voluntários. Guido de Sekendorf transferiu-se para Blumenau, segundo apontamentos em documentos daquela Colônia. José Schork serviu dois meses, recebendo baixa em virtude de questões familiares. Em 1867 Roberto Schmidt foi dispensado por inválido, no posto de 2.º sargento e ao apresentar-se ao diretor da Colonia, pediu a pensão a que tinha direito. Ainda em 1867, dia 16 de Novembro, espôsas de voluntários que ainda se encontravam no Paraguay requereram ao Ministro da Guerra meios para sustentarem seus filhos frizando que a situação era insustentável. O requerimento foi devolvido ao diretor Barzilar Cottle, por falta de sêlo! O Pastor evangélico Henrique Sandrescky, segundo documento original em poder da S. A. B., recebia parte dos soldos dos soldados, entregando-os às espôsas ou familiares responsáveis. Registrou Sandrescky no Livro de Tombo da Comunidade, o nascimento de um filho do voluntário Augusto Peters, ocorrido no dia 12 de março de 1866. Em 1871, 27 de abril, Francisco A. Day requereu um lote de terras na qualidade de veterano da Guerra e de acordo com o decreto 3371 de 7 de janeiro de 1865, tendo Maximiliano de Borrovsky, na direção interina da Colônia, considerado justo o pedido de Day. Novamente Day, em 21 de maio de 1872 e os seguintes veteranos: José Schlindvein, Roberto Schmidt, Frederico Moritz, Augusto Peters, Jorge Grün, Eduardo Bachmann, e as senhororas: Catarina Dinkelberg, Regina Klokenkamper, Luiz Ostringer, Anna Olhafen e Barbara Schaefer entregaram ao diretor Dr. Luiz Betin Paes Leme documento firmado por todos solicitando do Govêrno da Província sua intercessão junto ao Govêrno Imperial para que lhes fôsse concedidas as gratificações e mais vantagens garantidas em Lei, pedido já feito em 1870. Paes Leme endossou o pedido considerando justas e até sagradas as reivindicações dêsses colonos e viúvas. Caíram pois, em defêsa da nova Pátria que os acolhêra, os voluntários: Antonio Dinkelberg, Germano Klekenkamper, Guilherme Ostringer, Guilherme José Oelhafen e Valetin Schaefer. No dia 27 de julho de 1877 os nossos veteranos voltaram a requerer do Govêrno auxílios «na consideração que lhes merecer» e conforme regulamento. Não encontramos documentos ou notícias relacionadas com a concessão de benefícios a que tinham direito. É certo que sofreram agruras por falta dêsse direito que o Govêrno garantira antecipadamente. É bem possível que alguns tiveram o amparo de almas generosas como aconteceu a Raymundo Rodrigues que faleceu em Brusque com quase

100 anos, extremamente pobre. A Colônia tributou aos que regressaram as honras merecidas e o Governo bem cedo os esqueceu. Posso imaginá-los em suas andanças juntos a tantos diretores de nossa Colônia, reclamando com humildade, numa desesperada tentativa de receber pequena parte do que lhes fôra prometido. Aos poucos foram desaparecendo e a história apenas guardou os seus nomes. Brusque de hoje bem que poderia, decorridos 100 anos da partida de seus voluntários, render-lhes homenagem, fazendo inaugurar uma rua na forma como tantas outras cidades brasileira e fizeram: RUA VOLUNTARIOS DA PATRIA.

Visita do Presidente Coutinho a Blumenau

Os que acompanharam a leitura dos Relatórios do Dr. Blumenau, que temos publicado, periódicamente, nestes «Cadernos», hão de estar lembrados do que o fundador de Blumenau escreveu no Relatório de 1857, a respeito de uma visita do Presidente da Província à Colônia. Nesse Relatório, o Dr. Blumenau queixa-se, amargamente, da maneira pouco cordial, até mesmo hostil, como que era tratado pelo Dr. João José Coutinho. E, referindo-se à visita feita, em março daquele ano, ao seu nascente estabelecimento, o Dr. Blumenau diz: «Nos primeiros dias de março, próximo passado, S. Excia., acompanhado do major de engenheiros Souza Mello e Alvim, Delegado do exmo. sr. Diretor Geral das Terras Públicas, em Santa Catarina, foi num vapor de guerra visitar o Itajaí, que subiu pela terça parte e deixando-o aí veio honrar a colônia com uma visita. Apesar das minhas instâncias, demorou-se, apenas, hora e meia nela e pedindo eu que, pelo menos examinasse um lado da colônia e que com isso não havia de dispender mais de 2, ou quando muito 2 e meia horas, nem sequer para isso lhe sobrou tempo...» (Veja-se «Blumenau em Cadernos», Tomo I, página 191/210 e 231).

Agora, o nosso bom e douto amigo, Carlos da Costa Pereira, ex-diretor da Biblioteca Pública do Estado, apreciado historiador e homem de letras, mandou-nos cópia do artigo do «O MENSAGEIRO», jornal que, então se publicava em Destêrro, capital da Província de Santa Catarina, de 12 de março de 1857, em que se relata a viagem do Presidente Coutinho, que tão azêdas considerações mereceu do Dr. Blumenau. Pela importância dessa notícia vamos transcrevê-la na íntegra, agradecendo, ao mesmo tempo, ao Costa Pereira a feliz lembrança de enviar-nos essa cópia com a qual se esclarecem detalhes de importante acontecimento da vida blumenauense dos primeiros anos de fundação da Colônia.

Eis o documento: VIAGEM DE S. EXCIA. AO ITAJAÍ

Às 5 horas da tarde do dia 4 do corrente o vapor de guerra «D. Pedro» suspendeu do pôrto desta Capital para o de Itajaí, conduzindo a seu bordo o Exmo. Sr. Presidente da Província, e foi pouco depois da meia noite ancorar na vila de Pôrto Belo. Às 5 horas da madrugada prosseguiu em sua viagem e às 8 horas da manhã entrava na barra do grande Rio, demorando-se em frente à freguesia do Sacramento apenas o tempo preciso para tomar

um práctico, depois do que seguiu rio acima fundeando pelas três horas e meia da tarde em frente à casa do fazendeiro José Henrique Flôres, 7 léguas à montante da Freguesia. O Sr. Flôres veio logo a bordo cumprimentar a S. Excia. e não cessou, enquanto ali esteve o vapor, de obsequiar a primeira autoridade da Província e os officiaes do navio.

A subida do vapor, o primeiro que sulcava aquelas águas, causou a mais agradável expectação aos moradores do rio Itajaí, que reconhecendo pelo pavilhão tremulante no mastro grande, estar a bordo o Exmo. Presidente, o honraram e festejaram com vivas e continuadas salvas de mosquetaria, às quais o vapor correspondia constantemente,

De madrugada, S. Excia. acompanhado do Comandante Azevedo e do Major Alvim, subiu em escaler para a colônia Blumenau, visitando em caminho o arraial do Belchior, donde montou a cavallo com o Major, seguindo o Comandante com o práctico no escaler.

Da fazenda do Sr. Flôres ao Belchior a distância aproximada é de meia légua, e dêste à colônia não passa de uma légua.

O Dr. Blumenau não esperando pela visita presidencial nada tinha providenciado para que S. Excia. pudesse ver a Colônia, e assim fôrça foi limitar-se à inspecção dos estabelecimentos à margem do rio e dos do arraial junto a foz do rio Garcia.

À tarde, regressou S. Excia. no escaler para bordo do vapor, que tinha sido visitado pela digna família do Sr. Flôres e que na manhã do dia 7 tornou à freguesia do Itajaí, onde logo que deu fundo pelas 8 e meia horas, tôdas as pessoas principais tiveram a honra de cumprimentar a S. Excia. a quem instantemente convidaram para servir-se de uma casa preparada de propósito, o que S. Excia. agradeceu. Pelas 11 horas do dia o Exmo. Presidente, acompanhado do Sr. Liberato, Major Alvim e o comandante do vapor, partiu a cavallo para Itajaí, visitando a freguesia da Penha, nas Pissaras, distante perto de 3 léguas do Itajaí, e a fazenda do Sr. Luiz Rodrigues Pereira, na antiga Armação, de onde depois de jantar voltou para a freguesia do Sacramento, que visitou pelas 5 horas e meia da tarde. As 7 da manhã do dia 8, saiu a cavallo do Itajaí, cujos habitantes souberam dar provas do seu respeito ao digno delegado do Govêrno Imperial, iluminando as casas na noite antecedente e acompanhando a S. Excia. em grande número até Camboriú, onde a notícia havendo precedido a sua chegada, foi o Exmo. Presidente recebido por muita gente do lugar e aceitou um esplendido almôço oferecido pelo Sr. Capitão Antônio José da Costa.

Preparados novos cavalos, S. Excia. seguido de muitos cavaleiros, tomou a estrada do Pôrto Belo, gastando pouco mais de duas horas em chegar à vila que percorreu com vários habitantes que vieram ao seu encontro, embarcando logo após num escaler para o vapor que tinha vindo esperar, e que immediatamente seguiu para esta Capital, onde chegou pelas 9 horas da noite.

(De «O MENSAGEIRO», de 12 de março de 1857.)

N. da R. Era presidente da Província o Dr. João José Coutinho.

CRESCE A FESTA DE AZAMBUJA

— A FESTA MAIS CONCORRIDA DO ESTADO —

P. Raulino REITZ

Em 1950 organizei um sistema estatístico para ter dados concretos sôbre a surpreendente Celebração de Nossa Senhora da Glória, em Azambuja. Agora, passados 5 anos, arregimentei novamente o corpo estatístico de 27 seminaristas, para contar a entrada de pessoas e veículos em Azambuja, durante o dia 15 de agosto de 1965. Outros setores da festa foram igualmente controlados em seu movimento para expressá-los em números estatísticos.

Para comparação os dados de 1950 virão entre parênteses após os recolhidos neste ano.

PESSOAL - Peregrinos e visitantes: 32.099 (25.060). Visitantes do Museu Arquidiocesano: 3.691 (2.660). À noite foram alojadas 524 pessoas. Empregados da festa: 300 (211). Responsáveis pelos atos religiosos: Arcebispos 1 (2). Sacerdotes 12 (12). Seminaristas 170 (114).

VEÍCULOS - Entraram em Azambuja 1.424 (1.008) veículos, dos quais 369 eram coletivos (ônibus e lotações) e 1.055 particulares, procedentes de 4 Estados e 49 municípios.

POLICIAMENTO DO TRÂNSITO - 1 Delegado (1) com 7 guardas e 1 Tenente comandando um destacamento da Polícia Especial do Estado com 16 guardas de trânsito. Ao todo 25 (31).

ALIMENTAÇÃO - Foram abatidos 17 (20) bois, carneadas 364 (150) galinhas, consumidos 5.200 (4.400) churrascos, 2.120 (1.500) pratos de comida quente, 7.850 (3.500) cachorros quentes, 1.350 (711) litros de chopp, 12.000 (6.888) garrafas de refrigerantes, 8.600 (6.672) garrafas de cerveja, 20.600 (19.000) pães, 600 (600) cucas divididas em 30.000 (30.000) fatias.

RESULTADO FINANCEIRO:

Renda total	. . .	Cr.\$ 25.351 885	(1.900.000)
Despesas	. . .	Cr.\$ 6.842 580	(682.305)
Renda líquida	. . .	Cr \$ 18.509.305	(1.230.810)

PROCISSÃO LUMINOSA - Lâmpadas coloridas no Morro do Rosário: 410, Lanternas coloridas carregadas pelos povo na procissão: 320.

MOVIMENTO RELIGIOSO - Foram celebradas 12 missas das 5 da manhã às 2 horas da tarde. Foram distribuídas 1.500 comunhões e crismadas 795 pessoas.

Nos últimos 5 anos, pois, os dados estatísticos acusam uma evolução acentuada na Festa de Azambuja. Os responsáveis pelo bom andamento desta magna concentração religiosa envidaram grandes esforços para que o movimento desta massa de pessoas e veículos fôsse normal e ordenado.

O jovem e dinâmico Prefeito de Brusque, sr. Cyro Gevaerd, em boa hora alargou a Rua Nova Trento que facultou o escoamento dos veículos para Brusque. A disciplinação do tráfego com mão única de entrada pela Rua Azambuja e saída pela Rua Nova Trento veio resolver um dos problemas mais agudos da Festa de Azambuja. Por outro lado Mons. Guilherme Kleine, nos últimos anos, abriu 3 novas praças em Azambuja que desafogaram o espaço do estreito Vale dos Milagres.

Para o futuro próximo a pavimentação da Rua Azambuja e a abertura prevista de novas praças de estacionamento serão soluções inadiáveis para não inibir o crescimento irreversível desta soberba manifestação religiosa que Brusque assiste anualmente desde 1885.

Brusque, 30 de agosto de 1965.

CONSERVACIONISMO

Numa das nossas próximas edições, daremos publicidade ao trabalho do nosso eminente colaborador, Rexmo. Padre Raulino Reitz, «Conservacionismo em Santa Catarina» que acabamos de receber. Não o fazemos neste número, em virtude de sua extensão e por termos várias outras colaborações aguardando publicação há mais tempo.

Desde já, entretanto, chamamos a atenção dos nossos leitores para o magnífico trabalho anunciado que é, realmente, digno de leitura e de consideração.

CAPIM VOLTA

O nome que se dá ao bairro de Blumenau, é uma bem típica manifestação folclórica.

Esse nome provém da curva do rio Itajaí Açu, nas imediações da rua São Bento e que, por abundar do conhecido capim angola, foi chamado por "Volta do Capim". Mas é da índole da língua alemã a formação, por qualquer coisa, das palavras compostas e a anteposição dos qualificativos aos vocábulos principais.

Desta forma, os alemães que colonizaram a região não a denominava de "Volta do Capim", mas de "Capim Volte", na sua natural tendência de incorporar ao idioma que conheciam os termos brasileiros, dando-lhes aparência germânica. Assim, entre centenas de exemplos, "Kapinen, por capinar; "Bast", por pasto etc.

E a coisa pegou de tal forma que, hoje, mesmo os brasileiros, os letreiros de ônibus, todo mundo só diz "Capim Volta". E "Capim Volta" ficará.

ENTÃO COMO HOJE...

Em 1880, Blumenau sofreu a maior enchente de que se tem notícia. As águas do Itajaí Açu subiram a cerca de 15 metros acima do nível normal, invadindo a cidade, cobrindo casas e plantações. Morreram diversas pessoas e muitas famílias perderam todos os seus bens.

E como geralmente acontece, depois de catástrofes assim, tanto o governo brasileiro, como os de vários países estrangeiros, mandaram auxílios em dinheiro e gênero de primeira necessidade para acudir às mais urgentes precisões dos flagelados.

E como também é, infelizmente, muito comum, nem sempre os auxílios são bem empregados. Quando não são esbanjados em finalidades diferentes daquelas para que foram destinados.

Assim aconteceu também em 1880. Em Blumenau, foi constituída uma comissão para se encarregar da distribuição da ajuda. O presidente era o Dr. Fritz Müller. E este, como se sabe, embora tivesse um gênio pouco cordial, era de uma honestidade à tôda prova. Quando verificou que o governo da Província, passando por cima das atribuições da Comissão, distribuía auxílio a gente que não havia sofrido dano algum, rebelou-se e se demitiu da presidência.

Ficou-nos dêsse fato um documento bem interessante. O ofício número 5 da Diretoria da Colônia Blumenau, datado de 11 de janeiro de 1881 e assinado pelo dr. Blumenau, dirigido ao presidente da Província que era, então, o dr. João Rodrigues Chaves. Tem êsse ofício o seguinte teor: «Exmo. Senhor. Como o Dr. Frederico Müller, presidente da Comissão de Socorro desta Colônia, nomeada por V. Excia. por ofício de 7 do corrente, me participado a mim e ao sr. Júlio Baumgarten que «achando-se desautorada a Comissão de Socorro, nomeada pela Presidência da Província, pelo fato de ter a mesma Presidência sem ouvir a dita Comissão, mandado pagar socorros a várias pessoas desta Colônia, resolvi retirar-me da Comissão, o que lhes comunico para sua ciência» - julguei-me na necessidade e no dever de assumir a presidência abandonada pelo referido Dr. Müller, até ulterior resolução de V. Excia. e, quiçá, recomposição da Comissão.

Assim, e tendo a honra de responder ao ofício de V. Excia. ao mesmo doutor, de 28 do mês findo, em cujo final se pede a relação dos que mereçam o favor de serem socorridos na reconstrução das suas moradas, relação esta que V. Excia. declarou já ter pedido mais de uma vez, cumpre-me dizer que esta mesma relação já consta da extensa nominal que a V. Excia. enviou o Dr. Müller com o seu ofício de 23 do mês findo. Em efeito, a primeira casa desta relação exhibe os prejuízos sofridos em edifícios e estabelecimentos, na importância de mais de 81 contos de réis, e sobre ela, bem que com grandíssima reserva e restrição, se deverá fundar preliminar disposição sobre a distribuição dos respectivos auxílios. A acertada e efetiva disposição e definitiva distribuição porém somente poderá realizar-se depois de conhecer-se, pelo menos muito aproximadamente, a importância pecuniária

disponível e para distribuir-se, sendo óbvio que dentre o número de prejudicados, não podem ser contemplados senão os mais necessitados; que o auxílio, para conseder se, deve ser aquilatado de caso a caso e que seria um efetivo absurdo, querer se distribuir uma quantia, relativamente diminuta, em migalhas de alguns milréis e «para construção de casas» sôbre centenas de prejudicados. Assim, solicito respeitosamente, V. Excia. se digne indicar-me a quantia com que poderemos contar para o indicado fim, ou, sendo possível, mandar pagar me a mesma certo de que a distribuição será realizada com o possível critério e equidade e a V. Excia. serão depois presentes a competente relação com os recibos dos auxiliados. No caso de V. Excia. querer reintegrar a comissão, permito-me, respeitosamente, propôr como presidente o vigário José Maria Jacobs, que já funciona na comissão particular.

O fato a que o dr. Müller aludiu e porque se considerou desautorado, e o qual realmente causou e ainda causa sérios dissabores aos membros das comissões reunidas, é o pagamento de 30\$000 a cada uma das italianas Adelaide... e Doménica..., duas desavergonhadas mendigas a quem e a suas famílias a inundaçào não causou a perda nem de uma planta de milho ou outro qualquer prejuizo, e que, por esta razão, já haviam sido enxotadas pelo seu próprio padre, aliás caridoso e zeloso. E natural que não recebendo e podendo muitos prejudicados não receber senão migalhas e ficando então duas mulheres impudentes, mas versadas na arte de mendigar, favorecidas como aconteceu, não faltassem desagradáveis comentários e insinuações contra a Comissão».

Como se vê, então como hoje, os aproveitadores sempre encontravam geito de tirar a sua casquinha...

UMA FAMÍLIA TRADICIONAL

OS PERSUHN

Augusto Daniel Persuhn era natural de Brunsvique, Alemanha, onde nasceu em 1824.

Emigrou para Blumenau e foi o primeiro colono a estabelecer-se em Itoupava-Sêca, onde faleceu em 1895, sendo supulado no cemitério evangélico desta cidade.

Fixára-se naquela localidade, que foi mais conhecida por Áltona até bem poucos anos, como logista e dono de uma estalagem.

Os antepassados de Augusto Daniel foram nobres, os Condes de Dupresson, francêses e que tiveram o seu nome germanizado em Dantzic, para onde haviam se transferido.

Augusto Daniel deixou os seguintes filhos: OTTO, ferreiro; AUGUSTO, marceneiro; FELIPE, lavrador e GUSSAVO, alfaiate.

Coube ao filho Gustavo a continuação das atividades sociais e religiosas que seu pai exerceu na colônia, tais como a

participação na Comunidade da Igreja Evangélica, a primeira da localidade, construída na atual rua Coronel Vidal Ramos, na Comunidade Escolar de Áltona, e na Sociedade Teotônia, de cuja diretoria fazia parte.

Gustavo ligou-se por fortes laços de amizade ao cervejeiro Oto Jennerich e tendo êste fundado o pequeno Museu, que por muitos anos foi grande curiosidade em Itoupava-Sêca, foi-lhe um grande colaborador, concorrendo com dinheiro e objetos para e engrandecimento da iniciativa pela qual Jennerich muito se interessava.



Quatro gerações de Persuhn: Gustavo Persuhn entre seu filho Oscar e seu neto Curt, tendo ao colo um dos bisnetos.

Gustavo Persuhn muito trabalhou pelo desenvolvimento do seu bairro. Foi êle quem, juntamente com Manske, adquiriu o terreno para a construção do cemitério de Itoupava-Sêca, que é hoje cemitério municipal

Muito interessado no estudo do passado blumenauense, Persuhn, juntamente com Jennerich, contratou com o professor Max Humpl (de quem falaremos num dos próximos números dos «Cadernos») a elaboração da «Crônica de Áltona», trabalho magnífico em que o Professor Humpl pôz todo o cuidado

e os seus e os dotes artísticos de sua espôsa, hábil pintora e decoradora. Persuhn e Jennerich pagaram as respectivas despesas. A «Crônica de Áltona» era um resumo histórico das famílias e dos principais acontecimentos do lugar, desde a sua fundação e vinha

repleta de fotografias dos principais moradores e seus ascendentes, bem como belas gravuras coloridas, de autoria da esposa de Humpl.

Infelizmente, êsse trabalho, que fôra dado à Prefeitura Municipal e que se encontrava no Arquivo Histórico do Município foi destruído pelo incêndio de 1958.

Durante mais de 40 anos, Gustavo Persuhn foi tesoureiro da Comunidade Evangélica de Itoupava-Sêca, sócio do Teatro "Frohsinn", sócio honorário da Sociedade de Ginástica de Blumenau. Êsse último título êle adquiriu pela sua grande dedicação ao esporte, pois, chegava a vir a pé de Itoupava-Sêca até o Hotel Holetz (atual Grande Hotel Blumenau), duas vezes por semana, para participar dos exercícios de ginástica.

Já em idade avançada, resolveu doar todos os seus bens aos filhos.

O nome de Gustavo Persuhn está faltando numa das ruas da cidade. Êle bem o merece pela sua vida dedicada ao seu bairro e à coletividade de Âltona.

Os Relatórios do Dr. Blumenau

Nos três primeiros tomos de «Blumenau em Cadernos» publicamos relatórios e outros documentos do Dr. Blumenau, relacionados com a administração da sua Colônia. Por circunstâncias várias, não nos foi possível continuar tal publicação nos números subseqüentes. Como porém tais documentos sejam de enorme interêsse para o perfeito conhecimento do passado do nosso município, vamos prosseguir, a partir dêste número, com a divulgação não apenas dos relatórios do fundador, mas de tudo quanto se referir à sua administração. O documento seguinte foi entregue pelo Dr. Blumenau ao Govêrno Imperial, após a assinatura do contrato de encampação, pelo mesmo govêrno, da Colônia Blumenau e é uma espécie de orçamento das despesas necessárias ao prosseguimento da colonização e esclarecimentos sôbre os métodos pelos quais o fundador vinha orientando o seu empreendimento. Por êles se ve como já eram minuciosas e bem orientadas as providencias que o fundador puzera em prática na sua administração honesta e inteligente:

COLÔNIA BLUMENAU

ASSUNTOS E VERBAS DO ORÇAMENTO DAS SUAS DESPESAS A PROVIDENCIAR NAS DISPOSIÇÕES SÔBRE A CONTINUAÇÃO DA MESMA:

I - Pessoal e despesa de administração:

a) DIRETOR: eventualmente despesas do aluguel do escritório e prôpriamente ditas de escritório: aluguel do respetivo local de 96 a 120\$000 por ano; despesas de livros de contas, cadernetas para os colonos devedores,

quitações e títulos de venda impressos, tabela de pagamentos, trabalhos etc. pautados e impressos segundo a necessidade (talvez 80 a 150\$000) Armário d'arquivo ou de guardas-papeis etc. 70 a 80\$000.

b) - SECRETÁRIO E GUARDA LIVROS, com 1:200\$000 de gratificação anual.

c) - AGRIMENSOR, Autorização para concluir com êle contratos sôbre as seguintes ou análogas bases e por ora pelo prazo de três anos. Gratificação fixa de 600\$000 por ano; gratificação de 40 réis cada braça linear, que medir, devendo o agrimensor pagar o ajudante da corda, fazer entrega de 3 mapas de cada medição e executar as medições com trabalhadores, que êle mesmo deve arranjar e cujo número nunca deve exceder de 3, nem seu jornal diário de 2\$000 cada um pago pela diretoria; gratificação diária de 3\$500 pelos trabalhos avulsos como traçar e nivelar caminhos, demarcar os lotes depois da chegada dos colonos etc. etc.

d) - DESPESAS EVENTUAIS DE UM COPISTA, caso os trabalhos de escrituração muito se aumentarem, 200\$ a 400\$000 por ano.

e) - DESPESAS EVENTUAIS DE INSPEÇÃO, dos trabalhos e obras públicas se muito se aumentarem, 200\$ a 400\$000 por ano.

f) - AGÊNCIA DE COMISSÃO, na barra do Itajaí, para receber, vigiar, guiar e transportar à colônia os imigrados recémchegados: 1\$280 cada colono acima de dez, 800rs - pelas pessoas de 5 a 10 anos.

II Medições

a) - EXPLORAÇÃO DO TERRENO, sem medir e sôbre informações colhidas dos caçadores, vizinhos etc.

b) - ABERTURA DE PICADA TRANSITÁVEL, que logo sirva de caminho: levantar e medir a sua direção: ou de um forte ribeirão que talvez ali se achar e puder servir de linha divisória na frente de duas séries de sortes ou lotes: traçar tudo no mapa e determinar provisoriamente a mais conveniente distribuição dos lotes. Êstes trabalhos, feitos em regra por empreitada, assim são contemplados acima sob. 1. c. pertencendo p., a parte da respectiva despeza.

c) - MEDIÇÃO DE FRENTE DOS LOTES, demarcação de 30 braças em cada picada lateral e entrega do lote ao seu dono.

d) - CONCLUSÃO, dentro de dois anos depois do efetivo estabelecimento dos colonos, da demarcação dos lotes nos lados e fundos, devendo os respectivos donos abrir às suas custas as picadas, dando 2 ou mais trabalhadores e pagar ao ajudante da corda: 1\$000 diários entretanto que o agrimensor ficar pago pela diretoria, como estipulam as condições assinadas ou assinar pelos colonos.

III Distribuição e Vendas de Terras

a) - OS LOTES URBANOS, tem desde 300 até 10.000 e ainda mais braças quadradas segundo a situação e qualidade das terras e conveniência da distribuição: o seu preço deve ser de 5 à 40\$000 por geira: de 500 braças quadradas; ou de 10 a 80 réis por braça quadrada pagável à vista.

b) - OS LOTES RURAIS, podem haver desde 10 geira- ou 5000 braças e nunca terão mais de 200 geiras ou 100.000 braças quadradas. O seu preço deve ser de i\$000 até 4\$000 por geira, ou de 2 a 8 réis pela braça quadrada, pagável a vista. B) Em regra não se vende lotes RURAIS a SOLTEIROS, recémchegados, a menos que paguem o preço inteiro á vista e provarem além disso a posse de 250\$000 á 500\$000 de pecúlio líquido, com que pagar os primeiros trabalhos de seu estabelecimento. — Além desta regra foi ainda observado: Que aquêlê, que pagar á vista quantia nenhuma sôbre o preço da sua terra não pode pedir nem recebe além de 50 geiras ou 25000 braças quadradas exceto o caso de ser o lote de inferior qualidade, em cujo caso se aumenta a respectiva superfície; que quem pga á vista 1/4 até 1/2 do preço, pode adquirir até 75 geiras; quem paga 3/4 ou mais pode adquirir 100 geiras.

Para adquirir ainda maior superfície até 200 geiras ou 100,000 braças, o pretendente deve pagar todo o importe á vista e renunciar á quaisquer subsídios.

c) - O pagamento se efetua ou á vista ou á crédito de 3 anos; nêste último caso acresce-se 1/3 sôbre o preço original e se concede o desconto de 12% por ano pelos pagamentos antecipados, contanto que o desconto nunca se estenda sôbre a importância do preço original nem em caso algum a diminúa.

d) - O comprador paga 5% de meia feza sôbre o preço do lote comprado, que ficam pertencendo á caixa da colônia e serão pagos da mesma maneira como o principal.

IV Trabalhos e Obras concernentes a Colonização e Obras Públicas.

A EDIFÍCIOS E OBRAS NOVAS:

1) - Construção de um forte trapiche de descarga na Barra:
Despesa 400 á 600\$000

2) - Prancha ou Barcaça de fundo chato, apropriada ao nível mais baixo do rio e não calando mais de 14 a 18 polegadas d'água. Havendo regular e bastante afluência de imigrados, o seu emprêgo ha de produzir considerável economia. Com o comprimento de 90 pés e largura de 14 pés, podendo carregar 40 à 60 passageiros e bagagem competente, custará, construída de madeira 2/2 a 3, e de ferro, o que preferível, de 4/2 á 5/2 contos; interstícios vagos pode andar acupado com cargas particulares e assim ainda render.

3) - Construir desde já mais um grande telheiro de recepção caso se esperar por novos imigrados.

Despeza 1:200\$000 á 1:800 000.

4) - Construir ranchos ligeiros na porporção em que a distribuição dos lotes avançar para o sertão; um ou dois, custandoca da um 150 a 200\$000.

b) - ACABAR, CONSERVAR E CONSERTAR OS EDIFÍCIOS E OBRAS EXISTENTES.

1) - Caiar e pintar exteriormente as paredes dos telheiros de re-

cepção e cobri-los inteiramente de telhas ou cartão pedra.

2) - Pintar e cobrir de telhas a casa do pastor e fazer algumas pequenas excavações de esgoto e melhor conservação.

3) - Consertar e conservar as pontes existentes, substituindo-se partes arruinadas, fazendo aterros etc. e conservar a escada subida e plano inclinado na povoação.

c) - ABERTURA DE PICADAS TRANSITÁVEIS, que dêem acesso aos lotes a distribuir; faz-se em regra por empreitada, regulando a braça linear desde 200 á 500 réis e devendo-se contar com 600 braças p.m. ou m. por 200 colonos ou 60 lotes — Vide 11/6.

d) - ALARGAR ESTAS PICADAS E CONVERTÊ-LAS EM CAMINHOS BONS E SOFRIVELMENTE TRANSITAVEIS DENTRO DO PRIMEIRO ANO, faz-se igualmente em regra por empreitada, executando quase sempre cada um proprietário de lote êste trabalho na sua terra e percebendo por braça linear 200 a 1\$000 réis segundo as dificuldades a vencer,

B ad c, e d. Custa assim a braça linear de sofrível caminho em regra de 1\$000 a 1\$280: havendo em casos excepcionais á executar excavações de terra e de rochedo, aterros, valas e esgotos etc. de grande extensão, devem em regra fazer se por administração e aumentar-se proporcionalmente à despeza. Para tornar os tais caminhos sólidos, duráveis e sofrívelmente transitáveis para carros, e conservá-los ao mesmo tempo, carece mais, além da assistência gratuita dos colonos nos melhoramentos e consertos insignificantes, de uma despeza anual de 320 e segundo a especial localidade, por braça e por 3 a 5 anos, ou de 2\$000 a 2\$500 distribuidos sôbre o mesmo prazo.

c) - CONSERTAR, REEDIFICAR E CONSTRUIR DESDE JÁ AS GRANDES PONTES, sôbre os ribeirões do Garcia, da Velha, do Gaspar Grande e Pequeno e sôbre um forte ribeirão perto do Salto Grande e mais de 6 a 8 pontes sobre ribeirões de menores dimensões, Despezas pelo menos 7 contos pelas pontes grandes devendo-se principiar pela ponte do Ribeirão do Garcia.

F. CASA DA ESCOLA E MORADA DO PROFESSOR,

G. DITA DE DETENÇÃO;

H. HOSPITAL E ARRANJOS INTERNOS DA ENFERMARIA, CAMAS, ROUPA, ETC.

I. CAPELA PROTESTANTE;

K. ESTRADA GERAL ATÉ A BARRA;

L. OBRAS EVENTUAIS, como cemitérios e cercá-los, derrubadas na povoação, nos lugares das pontes ranchos d'abrigo etc.

V. - RECEPÇÃO DOS EMIGRADOS NO PORTO DA BARRA E TRANSPORTE AO LUGAR DA COLÔNIA.

a) - Aluguel de barcos e transporte rio acima até a colônia pode (Continua na próxima edição).

HOTEL REX

BLUMENAU

SANTA CATARINA



100 APARTAMENTOS

dotados de todo o confôrto

A presente edição de «Blumenau em Cadernos» deve a sua publicação à gentileza das seguintes firmas que, por intermédio da respectiva Comissão do Lions Clube Blumenau-Centro, contribuíram para o montante das respectivas despesas:

**TIPOGRAFIA E
LIVRARIA
BLUMENAUENSE S/A.**

CASA PEITER S/A. COMERCIAL

MALHARIA BLUMENAU S/A.

FERRAGENS BRUECKHEIMER

IRACY SILVA & CIA. LTDA.